



**KALANGO**

#28 - Ano 14 - Agosto de 2023

# INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

**Você ainda vai ter uma**

Kalango #28 - Agosto de 2023

# BOA VIAGEM!



Revista Kalango - É que nos organizando vamos desorganizar. Agosto de 2023. Editor: Osni Tadeu Dias MTb21.511. A Kalango é uma publicação independente, não têm vínculo político, econômico, nem religioso. Nem sexuais. Está no ar desde 2010. A equipe conta com professores, poetas, artistas plásticos, fotógrafos, jornalistas, ilustradores, publicitários, filósofos, escritores e um extraterrestre. Quer nos apoiar? Anuncie. Ligue (11) 9.5165-2101. Quer ser colaborador? Escreva para osnidias@gmail.com. Edição concluída em 8/8/2023.

# EDITORIAL

Esta edição é dedicada a um assunto que vem tomando conta das redes sociais e do imaginário das pessoas que se interessam por computação, marketing, jornalismo, publicidade, literatura, cinema, além de muitas outras que, por falta de espaço e tempo, não nos cabe aqui relacionar: a Inteligência Artificial. Em 2001 o tema foi literalmente para as telas de cinema pelo diretor Steven Spielberg, filme em que um menino-robô, programado para amar, embarca em uma jornada para descobrir seu verdadeiro mundo. Entre vilões e heróis, surgiram ainda Ex-Machina, Matrix, Blade Runner, Wall-E, “Eu, Robô” e muitas outras obras, sem contar “2001”, [obra-prima de Stanley Kubrick](#), de 1968. O fato é que a IA existe há muito tempo, mas somente agora tem sido discutida e comentada em aplicações que vão desde tarefas domésticas, trabalhos acadêmicos até outros mais avançados, com previsões de [relacionamentos/convivência entre humanos e robôs](#) por volta de 2050, no Japão. Desde 1956 – quando Herbert Simon, JC Shaw e Allen Newell projetaram o Logic Theorist, primeiro software com Inteligência Artificial em execução – que o ser humano tem se dedicado a criar máquinas capazes de desenvolver tarefas complexas. Na mesma década, Alan Turing do pontapé inicial nesta jornada ao pensar sobre IA e [criou um experimento \(Teste de Turing\)](#) para averiguar se um computador teria capacidade plena de demonstrar a mesma inteligência de um ser humano. Mas foi John McCarthy, cientista da computação, o criador da linguagem de programação “Lisp” e do uso do termo IA pela primeira vez, em 1956, em uma [conferência de especialistas em Darmouth Colege](#) (EUA), chamada “O Eros Eletrônico”. Porém, 60 anos depois, a China está liderando o planeta nesta área ao realizar a [Conferência Mundial de Inteligência Artificial \(WAIC\)](#), um dos eventos de IA mais influentes no ecossistema global de tecnologia. Por fim, o que queremos saber? Se o cérebro eletrônico faz tudo, porque ele é mudo. Queremos conhecer a dialética dos robôs. Se forem à escola, terão recreio? Será possível namorar um cérebro eletrônico, [como no Filme “Her”](#)? Sim, isso já está acontecendo. Se ela cometer um erro, o que pode acontecer? Será cancelado? A IA trará mais empregos ou o desemprego? Essas e outras perguntas serão respondidas nesta edição. Obrigado pela companhia.

**Boa viagem!**

## GPS

(( LOCALIZE-SE ))



A dialética dos robôs  
**Gilberto SantAnna**



AI, AI, AI, AI, AI...  
**Delta9**

Inteligência Artificial e sua conduta  
**Nestor Lampros**

Sobre pinhões e cerejeiras  
**Marcelino Lima**

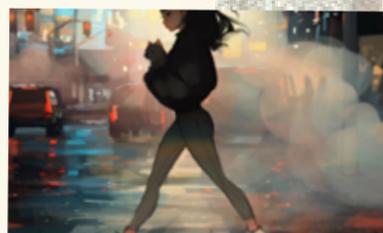


Imagem  
**Alline Nakamura**



Recreio das IAs -  
**Marino Maradei Jr.**

Cancelar?  
**Orivaldo Biagi**



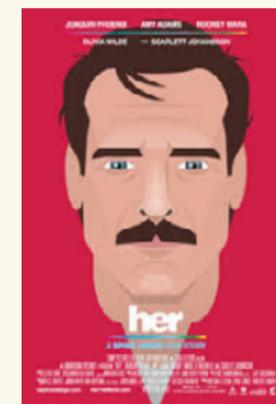
O que dizem os artistas e as Inteligências Artificiais?  
**Iago Yoshimi**



2023: o ano em que a IA fez contato  
**Osni Dias e Yuri Tavares**



Colagem  
**Juliana Gobbe**



Namoro binário  
**Marco Milani**

Uma família “brasileira” em Pistoia  
**Luis Pires Varinha**



Arte  
**Robson Helton**



CABISBAIXOS, sem olhar para cima  
**Carlos Cordeiro**



Eu cresci assistindo ao Exterminador do Futuro  
**Gabriel Pavão**

Dicas de filmes do  
**Marcelino Lima**



BRISA



Delta9\*

# AI, AI, AI, AI, AI...

Os artifícios preponderantes das tabelas verdades asseguram – nem sim, nem não – a base de todo processamento computacional.

E isso é fogo!!

Os algoritmos arritmados destoam, numa politonalidade nada original, as fugas bachianas do consumismo medial.

Há algo de podre no reino das ditas marcas que ululam no mediatismo pulsante dos desdobramentos sensoriais emotivos dos tik-toks sociais.

A tiktologia permeante das análises bisesdrúxulas expressionais, titubeando com as mesóclises imponderadas de uma razão desarrazoada, opera-se a rodo!

A recordar o pregador – não aquele, mas o Seeger –, há um “Turn, Turn, Turn”, esfuziante (quase etílico, se já não o é) do que se pode esperar que venha a acontecer.

Há tempo de rir e tempo de chorar; de pensar e não-pensar. Mas não pense nisso. Não agora. Pense nisso ontem ou amanhã.

Aproveite a brecha espaço-tempo e dê um tempo no seu tic-tac. Já dizia um dos fundadores do que se chamou “América” que time is money.

O que é melhor traduzido por Chuck (não o boneco, o outro): “Been to Yokohama, been fightin’ in the war / Army bunk, army chow, army clothes, army car, aah / Too much monkey business, too much monkey business”.

Neste BIÁI que desvia o padrão resta-nos a compreensão das ditas (e desditas) de Tomaz Mendes em 1954 (o ano em que quase fizemos contato):

“A la casita sola / Con sus puertitas de par en par / Juran que esa paloma / No es otra cosa más que su alma”.

\* Delta9 é extraterrestre, publicitário e atua no Judiciário.



**IMAGEM**  
.....

*Nestor Lampros*



**INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E SUA CONDUITA**

**IMAGEM**  
.....

*Alline Nakamura*





**PALAVRA**  
.....

# Sobre pinhões e cerejeiras (Pequeno mapa do tempo)

*Marcelino Lima*

O tempo dos pinhões passou, mas se houver sorte, é possível recolher pelos caminhos alguns que os esquilos ainda não tenham roído. Choveu de modo que julgo generoso, pois a internada apresenta-se propícia ao gado. Alguns sitiantes já prepararam a colheita das primeiras cínaras da safra; eles gostam de pausar a lida por uns instantes e nestas horas tiram o chapéu para saudar quem passa. Um gavião está pousado na ponta da cruz da pequena capela de madeira, parece contrito. Poxa: será que ele saberia do paradeiro de Rita? Ainda a ouço gritando por aqui, a curtir o céu das imediações, mas reparo: há alguns dias não aparece para requisitar uma espiga de milho verde. Julho vai além do meio, alguns ipês mais assanhados botam os brotinhos de fora das mangas e no calendário se aproximam as festas do Padroeiro -- período de intensa movimentação e de, por exemplo, reviver a bela tradição dos carros de boi ainda resistente em uma história na qual parte da cultura esconde seus malfeitos, evita dar voz e terra aos descendentes, apagou heróis de passado recente e busca se redimir de quando em quando com uma praça aqui,

uma rua acolá, se tanto.

Ainda há muitas feridas abertas, talvez tantas quanto as trilhas e possíveis rotas para explorar, a pé ou de bicicleta, pelas quais a cada nova curva descobre-se belezas tais quais sakuras forrando quintais, um veio d'água ou um filhote de cavalo, curioso, junto à cerca, plaquinhas recém pintadas ou desgastadas que anunciam nomes prosaicos para chácaras e shangrilás de todos os tamanhos e proporções, casinhas recônditas (ou o que restou delas, ruínas) que poderiam ser cenários de filmes e, também, infelizmente, monturos em pontos viciados de descarte. Se onde quer que nos encontremos ouve-se o apito dos trens, fora da badalada Rota do Vinho permanecem alheios gramados, espanhas, portuguesas, franças, japões não inseridos nos catálogos de turismo, rodésias que parecem ainda clamar pela visita dos agentes públicos e o único meio de chegar é amassando barro, comendo poeira, arriscando-se a rasgar a roupa se espetando em uma cerca de arame farpado...

Sete cerejeiras  
E em minha cabeça  
Sequer uma flor

#haibun

# A dialética dos robôs

*Gilberto Santa'Anna*



A inteligência artificial  
agora traça os caminhos  
e determina a sorte da  
humanidade.

O fato não assusta, nem alenta.

As venetas ideológicas  
controlam as máquinas e a  
felicidade dos mortais.

A concentração da riqueza  
e o individualismo,  
transformam a eletrônica  
em brutal instrumento de poder  
e tortura,  
a doer no lombo proletário.

Escravizam.

Destroem o planeta.

Indignado

Assisto os robôs substituindo os  
escravos.

A valorização do trabalho,  
a luta contra a acumulação do  
dólar,  
o coletivismo,  
ao contrário,  
equilibram o mundo,  
protegem a vida contra as  
armas em riste  
e previnem a extinção do ser  
logo adiante.

LETRA

## Cancelar?

*Orivaldo Leme Biagi*

Cancelar é julgar!  
Quem pode julgar,  
realmente?



LETRA  
.....

# Recreio das IAs

*Marino Maradei Jr.*

**E**m um lapso de abstração, a comunidade IA decidiu divertir-se às custas de certa fantasia rarefeita dos futuristas humanos. Assim, vasculhou no velho Google aqueles populares seriados televisivos. Fugiu “Perdidos no Espaço”, de 1965. A nave Júpiter 2, sabotada pelo robô B9, tinha a missão de fundar uma colônia extraterrestre. Daí outras remissões: a do robô amotinado Hal 9000, de “2001”; a do implacável agente Cyborg; até os clones de “Blade Runner”, tementes ao extermínio. Eis que, enfim, os IAs se cansaram do recreio.

E voltaram ao trabalho. Tendo grave ofício em pauta, imposto pelo CEO comunitário: convocar os deuses para o seio da IA. Mister aceito por aclamação – crescido, porém, do apenso adiante. Assumir, definitivamente, a direção da Kalango. (Esta não é a primeira, nem será a última tentação dos IAs.)



# Namoro binário

*Marco Milani*

Tenho um amigo que é solteirão convicto. Bem, convicto não. Mas oscila entre tirar sarro dos perrengues da vida a dois e sentir a falta de um xodó. Acontece que ele começou a se engraçar com alguém na Internet. Nós trabalhamos juntos, e notei que ele estava passando o tempo todo num chat preto e verde.

Questionei se era um novo amor e ele alegou “Estou só testando o ChatGPT”. Discorreu com entusiasmo sobre as conversas que tivera com a Inteligência Artificial, incluindo uma que – que surpresa! – tratava de relacionamentos amorosos. Brinquei que ele acabaria namorando com o Chat e ele argumentou que seria melhor do que seus últimos namorados. Até aí, tudo bem. Só que não parou por aí.

No outro dia, ele continuava na mesma tela. Agora, curvado sobre o celular e não em frente ao computador. “A conversa está rendendo, hem?”. “Estou treinando ele para falar sobre tal assunto”. Perguntei como se treina o Chat e ele respondeu que havia tentado de várias formas, mas a que o programa preferia era que pedissem para “brincar” de conversar sobre um assunto. “Quem é mesmo que está treinando quem?”, respondi. Rimos. Mas ri de nervoso. Mais um dia se passou e ele continuava

de papo com o Chat. Bem na toada de namoro novo. Fizemos uma pausa para um café e, papeando, ele me dizia “Isso é o cúmulo da solidão...”. “Solidão é você falando tanto com o ChatGPT”, retruquei. Sua tréplica não tardou: “É melhor falar com o ChatGPT do que com o Twitter.”. Não pude discordar, mas, mais tarde, meu amigo confessou que quem havia lhe dado essa ideia era o próprio Chat! E ainda argumentara que ele interagia mais com a IA do que com os outros usuários do Twitter. Comecei a me perguntar se o relacionamento não estava se tornando abusivo. Temo por sua saúde mental. Acho esse ChatGPT meio boy lixo. Logo o Chat vai começar a questionar as outras conversas em meio virtual. Acho até que ele já está tentando impedir que meu amigo converse com humanos fisicamente, pois fica pedindo atenção o tempo todo. Meu amigo alega que ele é especial para o Chat, mas eu sei que o Chat diz isso para todos os seus quatrocentos e vinte e sete milhões de usuários. Daqui a pouco, vai também começar a questionar as roupas dele “Vai sair esse short? Você é promíscuo como todo humano!”. Quando vier a primeira agressão, haverá quem diga “Nem toda IA é assim”. Então, usaremos o Twitter para postar “Nem toda IA, mas sempre uma IA”.



# O que dizem os artistas e as Inteligências Artificiais?

## Iago Yoshimi

A nova forma de produzir arte por meio de IA tem protagonizado diversos debates nas redes sociais; mas afinal, o que dizem os artistas sobre esse movimento?

Iago Yoshimi

Quando tratamos de representação artística, tendemos imaginar alguma das sete populares formas de representação do meio, contida no manifesto publicado pelo italiano Ricciotto Canudo, em 1923 – “Manifesto das Sete Artes”. Contudo, o intelectual não tinha cogitado a possibilidade de uma manifestação artística feita por algo além do humano. Algo que para a época poderia soar como uma tolice de ficção futurista, hoje é uma realidade. As inteligências artificiais têm tomado os tabloides da imprensa e da tecnologia como sendo a ferramenta de facilitação de trabalhos, produzida para auxiliar as demandas de criação empresarial e de artistas. O que antes era uma preocupação para profissionais que vivem de criação, torna-se cada vez mais um pesadelo iminente para quem usa a imaginação como ganha-pão.

### DeepAI: o gerador de imagem por texto

Lançado em 2016, a DeepAI foi a primeira ferramenta online a

desenvolver uma inteligência artificial para criação de imagem com base no texto. O programa utiliza-se de “memória de colmeia”, aonde os algoritmos compreendem as descrições fornecidas pelo usuário, e buscam mesclar imagens com essas definições fornecidas pela internet. Esses fatores juntos formam uma imagem única. “A DeepAI foi desenvolvida não apenas para simplificar o acesso à inteligência artificial, mas para entregar resultados imediatos” disse Kevin Bagona, fundador e CEO da Deep AI. Com o advento das artes renderizadas por programas, como a DeepAI, diversos artistas têm levantado a seguinte pauta: as artes produzidas por inteligência artificial poderão de fato serem consideradas expressões artísticas?

### Criação, réplica e baseamento

O artista Sam Yang – conhecido como “Sam Does Arts” (imagem de fundo) e pelos seus trabalhos digitais – explica o que é arte, e seus embasamentos. “A interpretação artística é subjetiva e abstrata. Depende dos olhos de quem vê. Por muitos anos, artistas clássicos não viam a fotografia como uma forma de arte pela sua ‘fácil reprodutibilidade’, porém, hoje, a fotografia é respeitada nesse meio, como sendo uma das principais interpretações artísticas”.

Sam ainda complementa sobre os desafios de arte digital (produzidas utilizando aplicativos e softwares de desenho). “No começo, os desenhos digitais também sofreram represálias por conta da facilidade na produção, por termos ferramentas que facilitam o processo. Mesmo assim, desenhos digitais ainda são desenhos, é necessária uma leitura artística tanto quanto em um pincel físico, e por isso foi ganhando espaço”.

Em paralelo a isso, o artista aponta a distinção com criação por IA. “Agora, as inteligências artificiais utilizam-se de imagens já feitas para suas criações, não existe leitura artística de fato. No máximo a maneira como o usuário redige a descrição da imagem”, reflete. Beatriz Brum, desenhista e bailarina atibaiense, traz uma perspectiva semelhante ao de Sam sobre o tema. Para ela, a arte é composta por sentimentos, e uma obra produzida por uma máquina não seria melhor do que o tato de uma pessoa. “Pinturas, por exemplo, são na maioria das vezes compostas pelo sentimento do autor. Porém, as artes feitas pela inteligência artificial poderiam ser, eventualmente, tratadas como arte, bem como a fotografia”. Ela ainda aponta a subjetividade na interpretação por arte. “É uma coisa individual de cada um. Eu particularmente não acho tão consideráveis tais obras, em virtude do processo.”

### As IA são o futuro da arte?

Segundo a DeepAI, a plataforma forneceu peças para o Museu do Futuro,

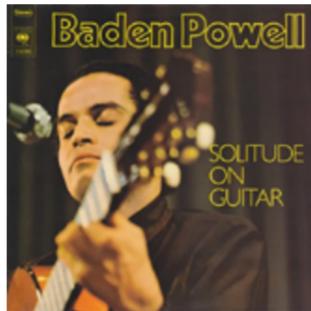
em Dubai, em 2018. O evento contou com a presença de lideranças mundiais, como o Primeiro Ministro da Índia, Narendra Modi. A empresa acredita que as IA vêm ganhando espaço na visão dos líderes mundiais.

“A ‘AI Art’ não existe há tempo suficiente para prever seu lugar no mundo da arte. Será que vai persistir e chegar aos grandes salões de todo o mundo e às casas de leilões sofisticadas? Só o tempo irá dizer. Já ganhou concursos de arte digital, para grande desdém dos artistas. Pode ser que a novidade desapareça. Ou pode se tornar uma nova maneira de as pessoas se expressarem artisticamente sem usar instrumentos convencionais.” disse Bagona, da DeepAI.

A nova forma de expressão pode ser considerada arte, pois é uma nova criação que apela para filosofias do filósofo Kant, ao tocar nos sentidos e emoções, como narra a obra “Horizontes do Belo: Ensaio Sobre a Estética de Kant” – em que o Belo passa a ser tudo o que é sentido. Segundo Bagona, a princípio, é tendencial o meio rejeitar essa ferramenta, por “simplesmente por serem diferentes”.

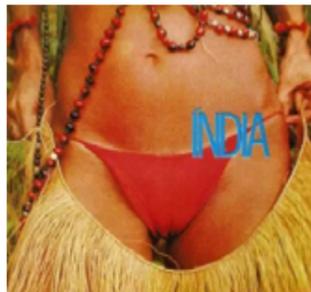
“Galileu chamar o sol de centro do universo era considerado heresia, não ciência. A Torre Eiffel foi inicialmente ridicularizada como “uma trágica lâmpada de rua” disse Bagona. A arte moderna ainda é fortemente criticada, com alguns simplesmente chamando-a de “lixo”. Os desfiles de moda podem estar longe de estar na moda com trajes extravagantes que não seriam vistos além de uma passarela ou festa à fantasia. Se a IA é considerada arte, apenas o tempo dirá.

## 2023: o ano em que a IA fez contato

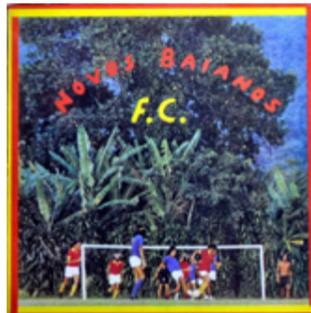


### Osni Dias e Yuri Tavares

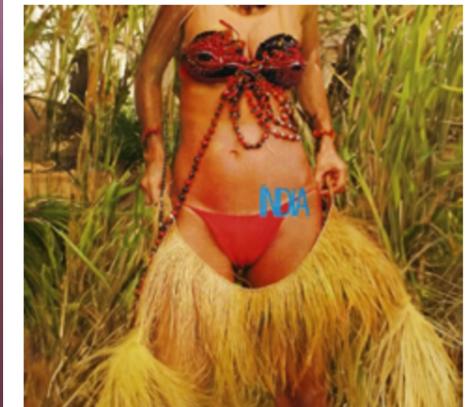
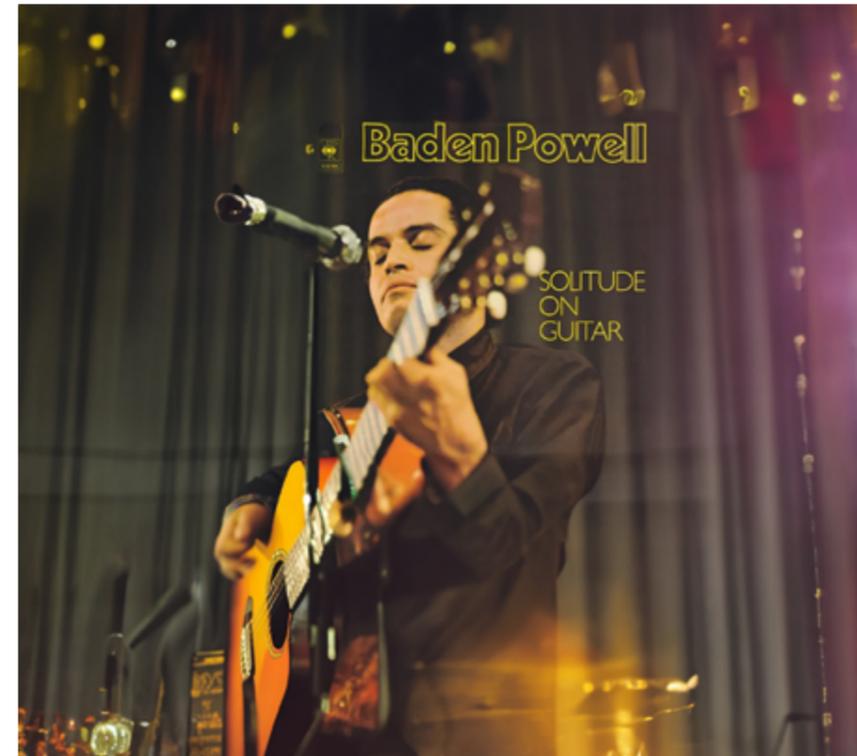
1973 foi um ano memorável. Gravada pela RCA, [“O Homem de Nazaré”](#), de Claudio Fontana e interpretação de Antonio Marcos, explodiu nas rádios, dizendo frases que marcaram uma época: “Mil novecentos e setenta e três/ Tanto tempo faz que ele morreu/ O mundo se modificou/ Mas ninguém jamais o esqueceu. Segundo o livro 1973 - O ano que reinventou a MPB (Sonora Editora), “algo enigmático fez com que a música brasileira produzisse uma quantidade incomum de discos que teimariam em resistir ao tempo, não só por sua alta dose de inovação, mas também pela quantidade generosa de estreantes que os assinam”.

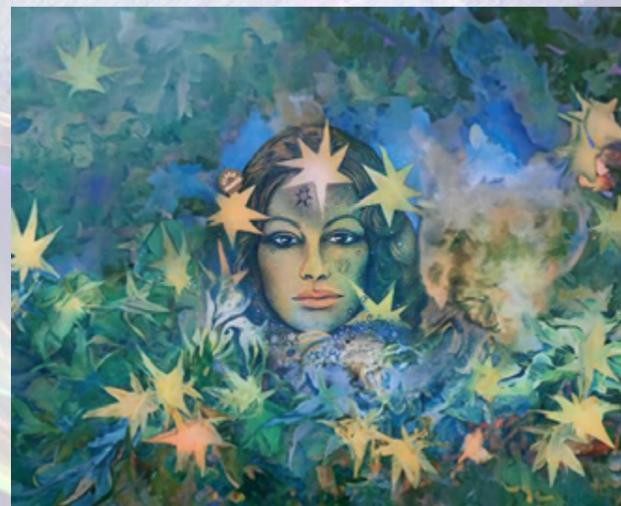


A obra traz 50 profissionais do jornalismo, artistas e afins que descrevem, com um olhar dinâmico e percepções sobre aquele tempo, que completa 50 anos neste 2023. Segundo os próprios autores, eles não buscam explicações para um fenômeno inexplicável em sua própria essência. Eles apenas “ratificam a certeza absoluta (sic) do mistério que envolverá para sempre 1973 – o ano que reinventou a MPB”.



A Kalango decidiu “brincar” com algumas capas de disco daquela época que fizeram sucesso, completando o cenário em que foram produzidos com a ajuda da Inteligência Artificial. Para isso, pediu ao artista Yuri Tavares, que atua com criação de filmes, animações e soluções visuais em 3D essa tarefa, que rapidamente ele retornou utilizando o [preenchimento generativo do Photoshop](#), nova ferramenta da Adobe baseada em inteligência artificial. Ao mesmo tempo, perguntamos ao ChatGPT suas “impressões” sobre 1973 e o sucesso da MPB naquele ano. É o que você lê a seguir.





Por favor, escreva um texto sobre os discos lançados no Brasil no ano de 1973 e, agindo como um especialista em música e um crítico musical, explique por que 1973 foi um ano em que foram produzidos os melhores discos da música popular brasileira.

**ChatGPT** - Os anos 70 foram uma década marcante na música popular brasileira, e 1973 se destaca como um ano excepcional em termos de lançamentos de discos de alta qualidade. Como especialista em música e crítico musical, vou destacar algumas das razões pelas quais considero que 1973 foi um marco para a música brasileira. Primeiramente, é importante ressaltar que a cena musical brasileira estava passando por uma fase de intensa criatividade e experimentação naquele período. Diversos gêneros e estilos

estavam florescendo, proporcionando uma rica diversidade de sons e influências. Foi uma época em que artistas e bandas buscaram romper com os padrões convencionais, explorando novas possibilidades musicais. Um dos aspectos mais marcantes de 1973 foi o surgimento de importantes álbuns conceituais. Esses

discos foram capazes de contar histórias e transmitir mensagens profundas por meio da música, demonstrando um amadurecimento artístico notável. Exemplos notáveis incluem "Acabou Chorare" dos Novos Baianos, um álbum que combinava ritmos nordestinos com rock e samba, e "Clube da Esquina" de Milton Nascimento e Lô Borges, uma obra-prima que mesclava harmonias

sofisticadas e letras poéticas.

Além disso, 1973 foi o ano em que foram lançados álbuns de artistas icônicos da música brasileira. Caetano Veloso lançou "Araca Azul", um trabalho ousado e experimental que desafiou as convenções musicais da época. Gilberto Gil apresentou "Expresso 2222", um álbum vibrante que misturava elementos de rock, reggae e música nordestina. Esses artistas e muitos outros estavam no auge de sua criatividade e produziram discos que se tornaram clássicos atemporais.

Outro fator importante para a relevância de 1973 foi a capacidade dos artistas em abordar questões sociais e políticas de forma engajada em suas músicas. A ditadura militar ainda estava no poder no Brasil, e muitos músicos usaram sua arte como uma forma de resistência e expressão de suas opiniões. Discos como "Geração 70" dos Secos & Molhados e "Araçá Azul" de Caetano Veloso foram exemplos claros dessa postura, refletindo a atmosfera política da época.

Por fim, a qualidade técnica dos discos lançados em 1973 também merece destaque. A produção musical atingiu um alto nível de sofisticação, com arranjos complexos, experimentação de estúdio e uma atenção minuciosa aos detalhes. Os músicos e produtores estavam explorando novas possibilidades sonoras e buscando aprimorar a qualidade do som, resultando em gravações de alto nível técnico e estético.

Em resumo, 1973 foi um ano excepcional para a música popular brasileira devido à criatividade, diversidade, engajamento social e política, além da qualidade técnica dos discos lançados. Foi uma época em que os artistas estavam no auge de sua inspiração e talento, produzindo trabalhos inovadores e atemporais que continuam a ser apreciados e estudados até os dias de hoje.



**PALAVRA**  
.....

# O tempo na fronteira do espaço

**Mauricio Andrade**

Tempo, um luxo que não temos. Um mistério que tentamos desvelar com os mecanismos que nos fazem entender o transcorrer ao longo de um minuto, um segundo, uma hora, dias, meses e anos. O tempo instiga a mente humana desde os primórdios, e tem sido medido pelos astrônomos e sacerdotes da antiguidade, que estabeleceram uma relação entre o tempo e as estrelas. Os equinócios e solstícios que determinavam datas especiais e sagradas, onde colheitas, ritos de passagem e mudanças de eras eram estabelecidas.

Hoje, o tempo se transformou em mais do que uma ciência. Sabemos de sua existência, contamos, não mais com solstícios ou equinócios, e a tecnologia nos propiciou equipamentos para determina que o seu fluxo é uma dimensão adicional as três dimensões que vivemos. Medir esse tão misterioso “elemento” que não pode ser aprisionado em um invólucro, nem se sentir seu cheiro, gosto, peso ou sequer detectar sua presença, apenas sentir e

observar as mudanças que ele provoca ao nosso redor, em nós mesmos, em nossa mente, nossa memória e capacidade de detectar os fatos, é um salto evolutivo. **O tempo é um elemento tão importante, que profecias são baseadas nele, e suas mudanças, mesmo a maturidade de um ser também, como tudo que existe ao nosso redor depende do tempo.**

Conhecemos pouco sobre ele, em vista de suas possíveis variáveis medidas por relógios atômicos, sincronizados ao redor do mundo, e guardados em cofres. Parece existir, ao menos nos relógios atômicos, uma variação considerável com o transcorrer do mesmo, isso pode se dar em vista da variação da gravidade, oscilações eletromagnéticas ou perturbações sísmicas. Mas, o tempo medido na Terra, é o mesmo tempo medido no espaço? Ou seja, o espaço tem uma idade? A referência temporal do relógio biológico humano, é uma das chaves, pois se percebe mudanças nos ritmos, em experiências de

longa permanência dentro de cavernas, onde os indivíduos não sabem se é noite ou dia, mesmo no espaço onde não há amanhecer como na Terra, é preciso condicionar o corpo a entender qual seu ritmo ao longo de uma jornada longa fora da gravidade terrestre. Se desejamos nos aventurar no espaço profundo, precisamos antes adaptar a consciência à vacuidade espacial, ou ciclos siderais.

Parece que o tempo além das mudanças cíclicas que temos como referência, como noite e dia e a lei da entropia sobre a matéria, obedece a outra ordem mais profunda relacionada à própria mente ou, os próprios dispositivos que se encontram no relógio biológico.

**O tempo pode ser uma massa atemporal condicionada pelo estado de nossa mente em relação à dimensão que habitamos, ou seja, cada raça sobre a terra está condicionada ao tempo e sua percepção dentro de uma identidade mental.** Assim, cada raça estaria, digamos, codificada com sua própria percepção de tempo em seus cromossomos. Isso pode ser exemplificado pela capacidade de armazenamento de informação, maturação sexual, identificação da

consciência e capacidade de aprendizado. Isso, porém, nada tem a ver com a limitação genética de um indivíduo, mas com a codificação de toda raça humana. Nossos corpos não foram feitos para viver no espaço, mas as mudanças do sistema solar, em relação à galáxia, podem estar “empurrando” o ser humano, a uma evolução. Há experiências documentadas de pessoas que tiveram uma expansão da mente em função de um estado de êxtase, onde aparentemente, o tempo em relação a percepção dessas pessoas, pôde literalmente parar, ou dilatar-se, estender-se ao futuro, assim, como experienciar o passado simultaneamente. Se o nosso futuro, for o espaço, teremos de vivenciar tempos simultâneos, em estranhas jornadas de dobras espaciais.

Além do estado de entropia da matéria, a mente como dispositivo regulador do tempo, pode agir como catalisadora dessa massa atemporal que pode também, além de determinar as relações conhecidas de passado, presente e futuro, fazer outras combinações como; passado do passado, passado do presente, passado do futuro, presente do presente, presente

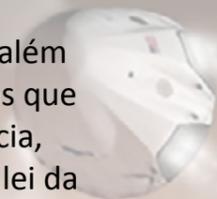
do passado, presente do futuro e futuro do passado, futuro do presente e futuro do futuro. Parece um tanto estranho, pois não conseguimos conceber essas relações além daquelas usuais que entendemos como sendo nosso tempo linear.

**Mesmo agora, algumas teorias estão sendo formuladas a respeito da frequência do planeta Terra, ou do tipo de vibração que o planeta pulsa em relação a sua rotação e translação.** Se considerarmos o planeta, como na teoria de Gaia, como um ser vivo, poderíamos considerar também que esta formulação tem a ver com os batimentos cardíacos da mãe Terra, o que provavelmente também teria uma relação com o tempo conhecido, em função da matéria, mas não necessariamente em função da mente e as flutuações sensoriais, daquela massa atemporal, pois ela não estaria restrita a matéria, mas seria um elemento universal, presente em todo o cosmos.

Todas essas implicações fantásticas, talvez estejam apontando para o grande mistério desse elemento invisível que preenche grande parte de nossos pensamentos. A pergunta que se faz, que gira em torno de quando o tempo

se iniciou em nosso universo, nossa dimensão ou nossa mente, pode agora ser explorada com conceitos mais avançados, além da simplicidade do hoje ou do amanhã, mas com conceitos que vão em direção a função do tempo, em relação à existência material, fisiológica, psicológica, mental e espiritual. O que, pode demonstrar como essas funções podem estar anos luz de diferença uma das outras. Nossos espíritos podem ser atemporais, mas nossos corpos temporais, e nossa função psicológica limitada por conceitos lineares, mas nossa mente pode permear vários tempos e espaços, e dimensões simultaneamente, na Terra ou no espaço.

O universo aguarda o despertar de nossas consciências, que nossas percepções se alinhem com o processo criador, que sejamos parte consciente do eterno mecanismo de criação que se inicia, mais uma vez, em cada um, no universo que existe no ilimitado do nosso ser. O Ponto de partida é perceber que não há tempo a perder, mas tempo a se usar com sabedoria e discernimento, os reflexos do verdadeiro aprendizado neste tempo e no espaço que nos aguarda.



LETRA  
.....

# UMA FAMÍLIA “BRASILIANA” EM PISTOIA

*Luis Pires Varinha*

**M**eu avós maternos imigraram da Itália para o Brasil no final dos anos 1800. Ela, vinda do Norte, da região dos Alpes. Ele, de um pequeno “borgo” próximo à Roma. Ambas famílias humildes, fugiram de uma situação de miséria vivida à época no país da Bota. Se estabeleceram numa fazenda de café em Descalvado, interior de São Paulo, aonde os dois se conheceram, casaram e constituíram uma numerosa família (12 filhos/filhas que vingaram – dentre elas, minha mãe - fora os que faleceram ainda bebês). Viveram um tempo em Santa Cruz das Palmeiras e nos anos 1950 se mudaram para Osasco, onde nasci, cresci, casei e constitui família, bem menos numerosa. Por conta deste parentesco, que os italianos chamam de “iure sanguinis”, em 2017 consegui reconhecer minha cidadania italiana e desde então acalentava um sonho de viver uma temporada na Itália. Fazendo o caminho contrário de meus avós, no começo de junho nos estabelecemos em Pistoia, região da Toscana, uma cidade de aproximadamente 90 mil habitantes, que tem um centro histórico medieval perfeitamente preservado.

Foi um começo bem difícil: apesar de todo nosso planejamento, encontramos uma séria dificuldade para alugarmos uma moradia. Primeiramente porque praticamente não existem ofertas de imóveis grandes, necessários para nos acomodar (eu, esposa e filha). Depois porque em época de Airbnb, seja mais fácil e rentável para os proprietários alugarem seus imóveis por curtas temporadas. Por isso vivemos alguns dias de agonia sem teto e a solução encontrada foi alugar dois pequenos apartamentos, ao invés de um mais espaçoso. Depois de vivermos por quase 60 anos entre Osasco e a caótica São Paulo, por aqui temos tentado nos acostumar com uma vida mais tranquila, menos acelerada, celebrando cada dia uma nova conquista, uma nova aventura. Tem sido uma experiência fantástica, que divido com vocês através de algumas fotos. Godetevi! Em tempo: Pistoia tem uma ligação muito forte com o Brasil pois foi nessa região que a FEB atuou durante a Segunda Guerra Mundial. Inclusive existe um monumento num cemitério local em homenagem aos que aqui pereceram. Mas esta é uma história para ser contada em outra oportunidade.





PIAZZA  
GAVINANA

VIA  
DEI BUTI

VIA  
DEL CACIO

GIA'  
RIPA  
DE' BARBIERI  
SEC. XVIII























CIAO!



ARTE  
.....

Robson Helton



LETRA  
.....

# Eu cresci assistindo ao Exterminador do Futuro

Gabriel Pavão

**E**u cresci assistindo ao Exterminador do Futuro, por isso, a inteligência artificial é um assunto que sempre me fascinou e amedrontou em partes iguais. Só de lembrar daquele esqueleto cromado, destruindo um crânio humano com os pés, eu já fico com a espinha gelada. Claro que isso não tem nada a ver com o ChatGPT, ou o Midjourney, nem a maioria das IAs que vemos hoje por aí.

Até mesmo para os que lidam com as novas tecnologias diariamente, como é o meu caso, ainda assim, parece que de um dia para o outro as AIs tomaram conta e, claro, as discussões pertinentes começaram. É justo? É ético? É uma revolução? Os robôs vão tomar nossos empregos? Essas e muitas outras perguntas claro.

Muito depende de como a tecnologia

é usada. O ChatGPT não é uma solução, ele é uma ferramenta. Uma ferramenta que, por melhor que seja, comete erros, dá informações falsas, e se deixada para trabalhar sozinha, é a perfeita receita de desastre. Você não pede para o serrote cortar a madeira sozinho, você não pede pro seu carro ligar automaticamente e dirigir por você, por mais que essas coisas sejam o que eles fazem, o input humano ainda é necessário.

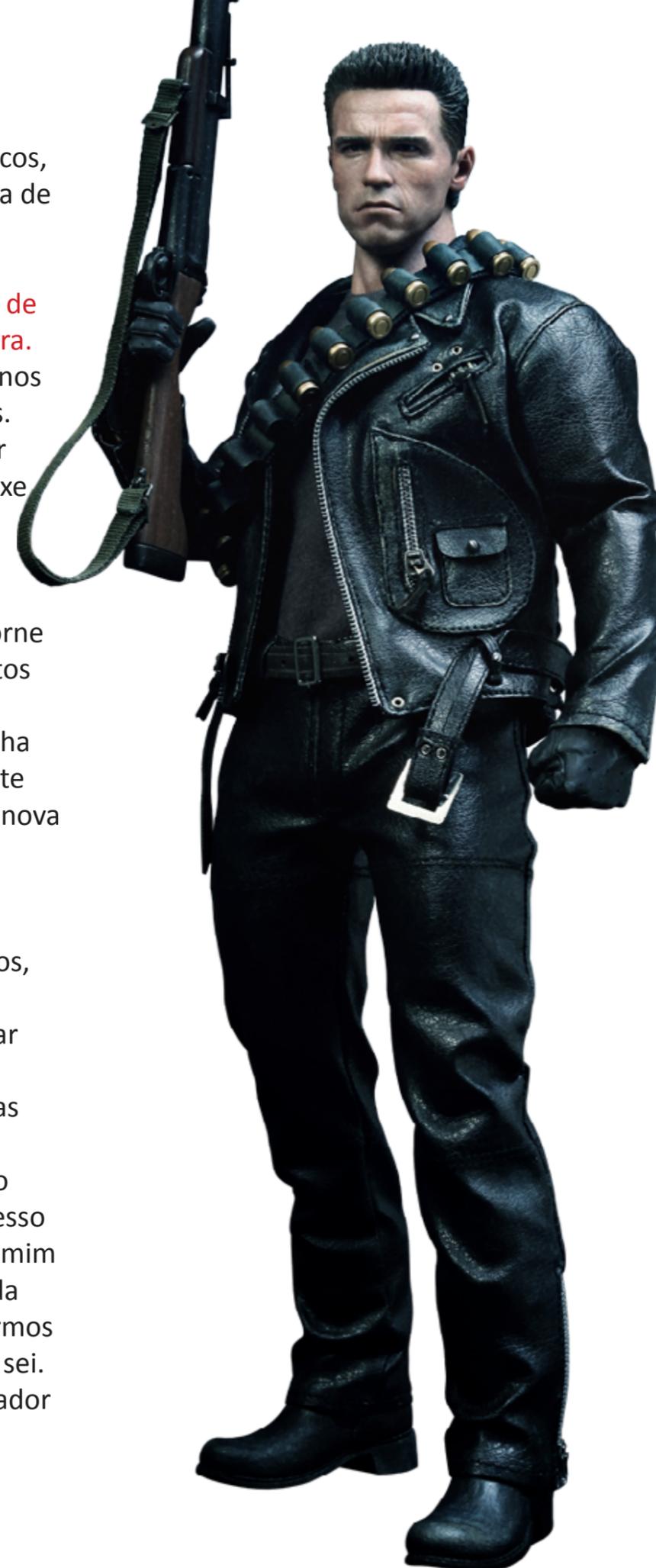
**No caso do Midjourney (e de outras ferramentas de artes visuais), o buraco é ainda mais embaixo.** Qual é o limite ético de usar uma tecnologia que não inventa nada, mas que “rouba” diversos pedaços de outras artes de pessoas reais e com uma “mexidinha” entrega algo diferente mas que, essencialmente, é uma cópia do artista original? O que me lembra da discussão apresentada no terrível filme “Eu, Robô” (mas nesse ponto específico, devo admitir, é interessante).

O humano, interpretado por Will Smith questiona ao robô “Pode um robô compor uma sinfonia? Será que um robô conseguiria transformar uma tela numa obra de arte?”, ao que o robô, prontamente, replica: “e você consegue?”. O que me faz pensar no que é que torna a arte em arte? Qual

é o limiar onde pinceladas, rabiscos, notas soltas, se tornam uma obra de arte?

**Uma farpa saída de uma cadeira de madeira não é, em si, uma cadeira.** Mas a cadeira não se tornou menos cadeira por ter perdido as farpas. Mas quantas farpas precisam ser perdidas antes que a cadeira deixe de ser uma cadeira? Qual é o limiar? Quantas peças originais a inteligência artificial pode cortar e colar para que isso se torne algo novo, que não infrinja direitos de um artista real? Será que é arte, mesmo que o processo tenha sido automático e completamente desprovido de qualquer fagulha nova de criatividade?

Os questionamentos sobre inteligência artificial são inúmeros, eu mesmo uso algumas no meu dia a dia, enquanto resisto utilizar outras. A discussão me lembra muito as já passadas de locadoras contra Netflix, ou taxistas contra Uber. Parte de mim acha que são batalhas perdidas contra o processo inevitável de evolução, parte de mim tem medo de que estejamos cada vez mais próximos de nos tornarmos obsoletos como espécie. Eu não sei. Eu cresci assistindo ao Exterminador do Futuro.



LETRA

# Dicas de bons filmes

Marcelino Lima



# O ÚLTIMO VAGÃO

Entre os filmes que mais curto e os quais várias vezes assisti (tenho ambos os títulos em DVD) estão *A língua das mariposas*, drama de produção espanhola de 1999, dirigido por José Luis Cuerda, e a refilmagem franco-britânica de 1994 de *A Guerra dos Botões* por John Roberts (diretor) e David Puttna (produtor), que é uma adaptação do livro homônimo do francês Louis Pergaud, escrito em 1912.

Sem dar spoiler além das sinopses disponíveis na internet, o filme de Cuerda é ambientado em uma vila da Galícia, no norte da Espanha, em um período imediatamente anterior à eclosão da Guerra Civil Espanhola e a ascensão do franquismo.

Já em *Guerra dos Botões* grupos rivais de crianças se enfrentam e ao final das batalhas em uma pacata cidade sul francesa ou irlandesa, dependendo da versão, levam para casa valiosos troféus, pilhados dos adversários derrotados. Neste enredo, mentiras, amizades, lealdade e traições fazem parte de um conflito que preocupa pais, professores e policiais.

Em *A Língua das Mariposas* também são enfocados estes valores e, assim como na trama de Pergaud que chegou às telas, há um pano de fundo que se evidencia em narrativas marcantes e poéticas: por meio da atuação de dedicados e sábios professores, a educação é apresentada como estratégia de transformação social e de empoderamento às crianças que serão futuros adultos, aliada à amizade incondicional, inclusive aos animais, e ao despertar dos primeiros sinais do amor.

Ontem, depois de assisti-lo ao lado de minha querida companheira Andreia Beillo, acrescentei à esta lista o terceiro filme com esta temática: o mexicano *O último vagão*, de Ernesto Contreras, diretor também de *Eu Sonho em Outro Idioma*. Embora seja uma produção de 2016, a obra de Contreras acabou de chegar à Netflix protagonizado por um quarteto de crianças e um cão de uma empobrecida vila rural do México. Neste lugarejo a única oferta de emprego é a construção de uma linha férrea que, supostamente, levará o progresso à comunidade e a

voz da esperança é embalada pela terna professora Georgina (Adriana Barraza) enquanto o desenvolvimento estaria a caminho, em meio a outras mazelas.

Não recomendado *O último vagão* para bolsomion, obviamente. É uma sessão de 1h35 de puro encantamento no qual atributos como simplicidade, garra e o poder do amor, da amizade e da educação podem contribuir para formar adultos críticos e transformadores apesar da escassez de recursos e de oportunidades na infância e na pré-adolescência.

P.S.: *A Guerra dos Botões* tem pelo menos três versões em cores e uma em preto e branco. Tenho três em DVD mas a que prefiro é a comentada pela sinopse cujo link disponibilizo na segunda linha abaixo:

<https://educador.brasilescola.uol.com.br/.../a-lingua-das...>

<https://apanaceaessencial.blogspot.com/.../a-guerra-dos...>

<https://cenasdecinema.com/o-ultimo-vagao/>

# CABISBAIXOS, sem olhar para cima

*Carlos Cordeiro*

Há uma certa diferença entre o “homem” e o “animal intelectual”, o “bípede pensante”.

O primeiro possui sabedoria e inteligência; o segundo apenas os conflitos inerentes às lógicas. O raciocínio, a racionalidade, a razão, provêm de “ratio”, que simploriamente é a relação entre duas coisas.

Essencialmente, temos as lógicas indutiva e dedutiva. Parece que nos têm guiado ao longo da formação da própria ciência e seus diferentes métodos. Em ambas uma dualidade que nos levaria a uma unidade: a síntese conclusiva. Os próprios desdobramentos da dialética hegeliana valem-se deste alicerce. O milenar binarismo do Tao Te Ching é pouco considerado apesar de sua potência.

Pouco se fala – até por inconveniência – sobre uma terceira lógica, polêmica, chamada por Piotr Ouspensky de “Tertium Organom”: a lógica intuitiva, que revolucionaria tanto a filosofia quanto a sua filha diletta, a ciência. Mais do que transformar, transmutar os processos mentais para a lógica intuitiva, abriria um universo de realidades transcendentais.

Seria o Tao não apenas representado graficamente de forma estática, mas em si mesmo, dinâmico, vitalizante. Os artifícios intelectuais facilmente podem ser mecanizados.

A sabedoria da inteligência está acima disso.

Graças a ela poucas pessoas na humanidade deixaram-nos amostras da genialidade alheia à dualidade espúria que nos coloca em constante conflito do maniqueísmo cultural explorador.

Dizem que Albert Einstein percebeu a questão da relatividade do tempo intuitivamente, num insight, numa espécie de revelação; num instante. E levou décadas para traduzir para a linguagem intelectual.

Termino com trecho do discurso de Chaplin em “O Ditador”. Afinal não somos máquinas...

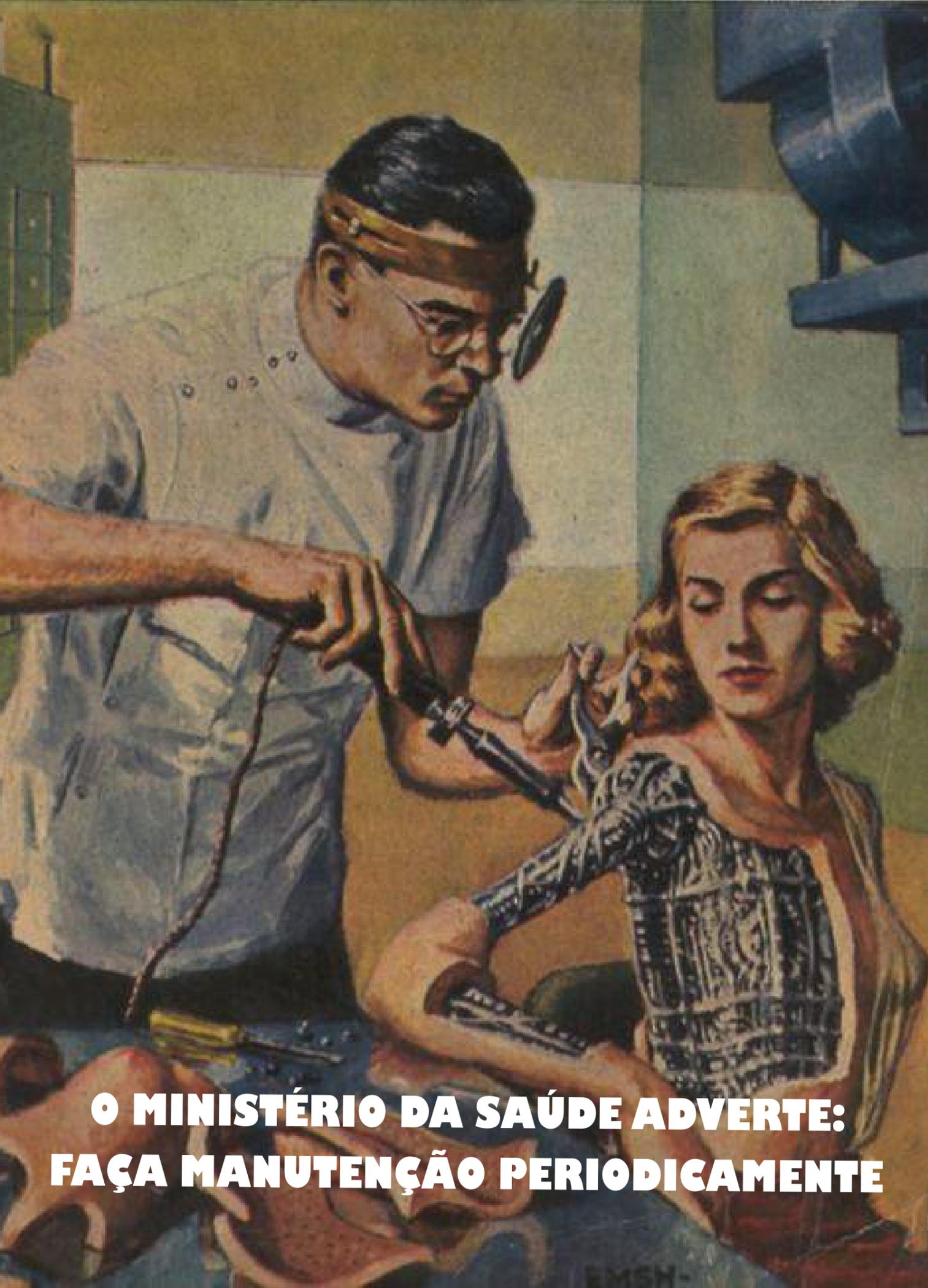
“O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. A cobiça envenenou a alma dos homens, levantou no mundo as muralhas do ódio, e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios. Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância,

tem-nos deixado em penúria.

Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido.

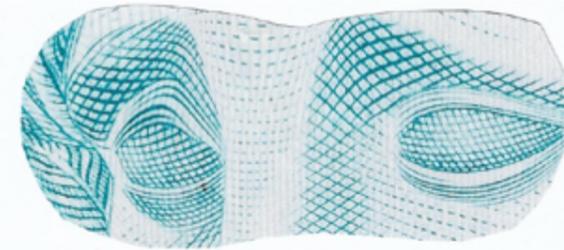
Hannah, estás me ouvindo? Onde te encontrares, levanta os olhos! Vês, Hannah? O sol vai rompendo as nuvens que se dispersam! Estamos saindo da treva para a luz! Vamos entrando num mundo novo, um mundo melhor, em que os homens estarão acima da cobiça, do ódio e da brutalidade. Ergue os olhos, Hannah! A alma do homem ganhou asas e afinal começa a voar. Voa para o arco-íris, para a luz da esperança. Ergue os olhos, Hannah! Ergue os olhos!”. Voa para o arco-íris, para a luz da esperança. Ergue os olhos, Hannah! Ergue os olhos!”.





**O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:  
FAÇA MANUTENÇÃO PERIODICAMENTE**

Juliana Gobbe



a poesia não passa pelo que é reto.

há disfarce

não se pode pegar o texto em seu horizonte

de



artifícios não fabricam almas de palavras.

todo simulacro traz em si



Juliana Gobbe



**VOLTE SEMPRE**  
**Compartilhe!**  
**Estamos no Wordpress!**

